Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Instituto de Letras e Artes – ILA
Graduação em Letras – Português
Disciplina: Elementos Filosóficos da Educação
Professor Doutor Sirio Lopez Velasco

Debatendo a LGBTfobia:
Discutindo a questão do texto como fonte de estudo e disseminador de preconceitos através dos discursos produzidos por alunos do ensino médio.

Fábio Ortiz Goulart.....Matricula: 104899

Rio Grande
2015

1- Debatendo a LGBTfobia: Discutindo a questão do texto como fonte de estudo e disseminador de preconceitos através dos discursos produzidos por alunos do ensino médio.

2- INTRODUÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Durante muito tempo as questões relacionadas às diversidades sexuais ficaram de fora do ambiente escolar. Desde que a Associação Americana de Psiquiatria em 1973 (AXT, 2004) e a Organização Mundial da Saúde em 1991, excluíram a homossexualidade da lista de doenças (MAGALHÃES, 2012), somente agora, em pleno século XXI, que no Brasil a educação decide tomar um rumo a apresentar as diversidades sexuais aos alunos e a trabalhar esta temática em sala de aula.

O presente plano visa trazer para os alunos de certa escola do ensino médio, algumas questões relevantes às diversidades sexuais e também a análise dos discursos proferidos pelos próprios adolescentes dentro dos espaços educativos e fazê-los repensar o modo como enxergam os sujeitos LGBTTI[1] e refletir através da prática da pesquisa científica[2]. O trabalho se dará através de leituras, rodas de discussão e a pesquisa auxiliada. A necessidade da aplicação deste plano é pertinente quando se há, no ambiente escolar, um local homofóbico e hostilizador para com os sujeitos LGBTTI (MAIO; OLIVEIRA JÚNIOR, 2014).

Há poucos livros didáticos que se referem às diversidades sexuais, mas há um que gostaríamos de destacar, pois possui uma breve nota em uma sessão intitulada de "Falando de Sexo". Nele os autores referem-se somente a homossexualidade, excluindo completamente as outras sexualidades. Porém deixam bem claro que a homossexualidade não é vício e nem doença (BARROS; PAULINO, 2002. p.50).

Ainda dentro dos objetivos, este plano tenta mostrar ao educando que o texto não é feito apenas de palavras, e sim de uma combinação geradora de sentidos (GOULART; et al., 2015), e que possui um objetivo, que em geral é o de ser lido. Assim sendo trazemos a seguinte citação dos **Parâmetros Curriculares Nacionais** a respeito do ensino de texto.

> Cabe a escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade. (PCN, 1997, p.30)

Neste trecho os PCNs trazem um problema muito recorrente nas escolas brasileiras, a inexistência de um trabalho planejado para se ter o texto como fonte de estudo dentro das escolas de ensino básico. É nesse viés que entra nas graduações em Letras, as disciplinas como a de Estudo do Texto, que visa introduzir e indicar para os graduandos e futuros docentes de Línguas como se deve ser trabalhado o texto em sala de aula e quais poderiam ser as abordagens para que tal feito pudesse ser realizado.

---

[1] Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Intersexo.

[2] Utilizo neste plano, o projeto de extensão "Iniciação a Metodologia Científica no Ensino Médio com Ênfase nas Diversidades Sexuais e de Gênero", o qual faço parte.

É relevante ressaltar que mesmo eu[3], sendo um futuro professor de língua materna, não privilegio o ensino da gramática, pelo menos não a gramática normativa – aquela que leva o aluno a seguir uma fórmula pré-pronta do tipo estímulo-resposta[4]. É claro que uma de minhas funções e de qualquer outro professor de língua materna é ensinar o português padrão, mas não depende só do professor, pois é função da escola criar condições para que ele seja aprendido (POSSENTI, 1996; p.17).

Travaglia (2003) levanta em seu livro, **Gramática e interação**, competências do usuário de língua materna, são eles: a competência comunicativa que é a capacidade do usuário da língua de "empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação"; a competência gramatical ou linguística, que "é a capacidade que tem todo usuário da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor) de gerar sequências linguísticas gramaticais, isto é, consideradas por esses mesmos usuários como sequências próprias e típicas da língua em questão"; e a competência textual, que "é a capacidade de produzir e compreender textos considerados bem formados".

Tendo estas competências em questão, levamos os alunos à produção de textos – escritos e falados – acerca da temática que lhes será apresentada, a LGBTfobia dentro das escolas. Pois é através do texto, principalmente o falado, que as pessoas e em especial os adolescentes passam a discriminar e passar adiante preconceitos que são o ápice da luta contra a homofobia. Estes preconceitos estão tão difundidos em nossa sociedade que muitas vezes são entendidos e confundidos como mera opinião e é através deste conceito de "opinião" e de opinar que as palavras nos discursos dos alunos dentro e fora das escolas partem de uma forte agressão aos Direitos Humanos dos sujeitos LGBTTI – aqui entra outra questão, a de que não só os adolescentes reproduzem este conceito de opinar através da opressão, mas também os professores, cuja função não deveria, e não deve se restringir somente ao ensino de conteúdo "formal" do currículo escolar.

Ainda dentro do contexto escolar o texto passa a ser visto como algo a ser estudado, e nada melhor do que se estudarem as diferentes formas que o ser humano tem de alcançar o prazer sexual e os sujeitos LGBTTI do que através daquilo que nos é mais comum e recorrente: os nossos discursos, mais precisamente o discurso dos alunos, pois é este o objeto deste plano de aula.

3- PONDO AS MÃOS NA MASSA: a aplicação do plano.

A/as aula/as em que será/ão aplicada/as este plano será/ão dividida/as em pelos menos cinco momentos, caso houver necessidade, estes momentos poderão ser alterados. Aqui nesta parte, propomos os seguintes momentos: a) a apresentação da temática e proposta aos alunos; b) apresentação dos mecanismos de coerência e de coesão; c) a estrutura de um trabalho científico e do próprio conceito de ciência; d) as definições dos parceiros de trabalho pelos alunos; e) o início da pesquisa. Chamá-los-emos de momentos "A", "B", "C", "D" e "E". Como já afirmamos no início dessa

[3] Em alguns momentos desta produção utilizarei a primeira pessoa do singular para me identificar, pois às vezes há a necessidade de expor as minhas opiniões para poder dar consistência ao que estou trazendo neste documento.

[4] Estímulo-resposta é um termo da Teoria Comportamental do psicólogo norte-americano B. F. Skinner, onde a mente e corpo só reagem através de um estímulo anterior a resposta, sendo este estímulo repetidamente realizado para que se fosse necessário obter a resposta necessária. Podemos ilustrar com um exemplo: para a teoria comportamental, uma criança só poderá aprender língua através do que lhe foi dito, pois, segundo Skinner, a língua só pode ser aprendida através da escuta de discursos proferidos por outras pessoas. A teoria também é conhecida por Behaviorismo de Skinner.

seção, por qualquer motivo, poderá ser incluso um momento chamado “F” e assim por diante.

No primeiro momento (que genericamente chamaremos de “A” e assim sucessivamente) ocorrerá a apresentação da temática e da proposta de pesquisa para os alunos, que se dará por meio de contato direto com textos publicados em revistas de divulgação científica e artigos científicos publicados em revistas especializadas. Utilizaremos como exemplo de revista de divulgação científica a revista **Superinteressante**, da editora Abril, por ser de fácil acesso e compreensão, não necessitando de conhecimentos aprofundados sobre essas temáticas para entendê-las e entre as revistas especializadas, citaremos como exemplo a revista **Diversidade e Educação**, da Universidade Federal do Rio Grande para que os alunos tenham contato com o conteúdo científico produzido, em maior parte, dentro das academias. É através destas publicações que iremos levar para a escola questões de sexualidade.

No segundo momento nos restringiremos a trabalhar os mecanismos de coesão e de coerência. Tendo como base o livro de Antunes (2005), **Lutar com palavras**, abordaremos o texto como um todo, não um todo separado, mas sim um todo completo e unificado. Esmiuçaremos essas publicações de forma que fique clara a importância da gramática para a construção de um texto coeso, coerente e de leitura agradável.

No terceiro momento apresentaremos os conceitos de ciência[5] e de como proceder para produzi-la, ou seja, entraremos na metodologia da pesquisa, utilizaremos como referência o livro de Fábio Ribeiro Mendes, **Iniciação científica para jovens pesquisadores**, o qual o autor explica de forma detalhada e fácil os métodos de como se iniciar na metodologia científica. Incitaremos os alunos com desafios, como perguntas surpresas e atividades lúdicas que deixem cada vez mais claras as ideias da metodologia científica e de como proceder a pesquisa. No quarto e penúltimo momento deixaremos que os alunos escolham seus parceiros de pesquisa com base em seus laços de afeto e critérios.

O último momento será dividido em pequenas etapas, que incluem: a definição dos objetos de pesquisa para cada grupo[6]; a orientação e revisão bibliográfica por parte dos docentes, para que os alunos tenham um embasamento do que deve ser feito; tecer as primeiras linhas da pesquisa, somente para difundi-la no meio da turma; discussões em apresentações ao estilo seminário dentro da sala de aula; a elaboração de um passeio/saída de campo/trabalho de campo dentro da Universidade Federal do Rio Grande-FURG, com o intuito central de conhecer o Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola-GESE; elaboração de questionários a serem entregues a especialistas e conhecedores da temática LGBTTI que fazem parte do GESE; juntar os resultados obtidos pelo questionário; estudo da história das sexualidades; traçar hipóteses acerca das supostas origens ou invenção das sexualidades[7] menos prestigiadas em nossa cultura heteronormativa; juntar todas as informações recolhidas até certo momento e produzir uma coletânea de informações a serem distribuídas dentro da escola; analisar os

---

[5] De acordo com Sacconi ciência é: 1. Conjunto de conhecimentos sobre as coisas, fatos e fenômenos, obtidos mediante o estudo e a observação de seus princípios e causas. 2. Conjunto de conhecimentos em uma distinta matéria, considerados em separado.

[6] Os objetos serão: Homossexualidade, Bissexualidade, Transexualidade, Intersexualidade e Assexualidade.

[7] Pois atualmente há diversas pesquisas que afirmam que a homossexualidade é de caráter biológico, enquanto outras fontes afirmam que ela é resultado das condições sociais, históricas e culturais vividas por estes sujeitos. Para entender melhor sobre o que queremos dizer com “origem ou invenção das sexualidades”, recomenda-se ler a tese de doutorado da Professora Drª Joanalira Corpes Magalhães, que pode ser acessada em http://repositorio.furg.br:8080/jspui/.

discursos produzidos pelos colegas de outras turmas do ensino médio; e por último traçar um plano estratégico, em conjunto com as diretorias da escola, da Secretaria de Município da Educação do Rio Grande e do GESE para amenizar a LGBTfobia nas escolas.

O plano estratégico ao qual nos referimos, consiste em conscientizar e apresentar teorias acerca da origem ou invenção das sexualidades menos prestigiadas e as realidades da população LGBTTI ao redor do mundo, como também apresentar aos professores/funcionários/alunos formas de como lidar com as diferentes sexualidades nos espaços educativos, sejam estes escolas, igrejas, família, as redes sociais virtuais, ou em qualquer outra instituição em que se pode haver a troca de conhecimentos entre indivíduos.

4- QUASE LÁ: algumas considerações acerca deste plano de aula (e de quem o fez).

A elaboração deste presente plano de aula deu-se através de perspectivas e experiências pessoais acerca do que é ser LGBTTI, do que se entende por sujeitos LGBTTI e por último do perfil destes sujeitos, os quais ainda hoje, sofrem diferentes formas de opressão, sendo a maior delas causadas pelas igrejas neo-cristãs, principalmente a Evangélica.

Partindo do princípio em que me enquadro dentro da grande gama de sujeitos LGBTTI, considero de suma importância o ensino e a produção de conhecimentos acerca desta comunidade, pois ao ensinarmos e conhecermos algo que nos foi apresentado a vida inteira como errado, impróprio ou ainda, pecaminoso, criamos uma espécie de rede de compartilhamento, onde cada um coloca a sua contribuição, algumas com mais peso outras com menos, mas todas com sua importância; e também criamos uma quebra nos estereótipos que a nossa sociedade heteronormativa e machista impõe sobre estes sujeitos.

O que foi apresentado dentro deste plano e o que o sustenta foi fruto de horas e horas sentado em frente a um computador, sem ter “nada” o que fazer, um jovem rapaz decidiu procurar e saber mais sobre si mesmo e a que grupo ele pertence. Tudo isso foi e é uma caminhada que pretendo seguir adiante e apresentar para meus futuros alunos. Sei que será uma árdua caminhada, mas mesmo assim não me desestabilizo, pois sonho em um dia em que todas as pessoas poderão viver harmoniosamente, sem ter medo ou vergonha de ser quem são e de amarem incondicionalmente seja quem for.

5- REFERÊNCIAS E CITAÇÕES

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras**: coesão e coerência. São Paulo: Parábola, 2005.

AXT, Bárbara. “Homossexualidade é doença?”. **Revista Superinteressante**. São Paulo: Abril, 2004. n.207. dez. p.36.

BARROS, Carlos; PAULINO, Wilson Roberto. “O que é homossexualidade?”. In. **O corpo humano**. São Paulo: Ática, 2002.

GOULART, Fábio Ortiz; et al. **O texto como fonte de estudo**: implicações e desafios na aprendizagem. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2015. – Monografia apresentada à disciplina Estudo do Texto II, do curso de Letras – Português da Universidade Federal do Rio Grande.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes. **Corpos transparentes, exames e outras tecnologias médicas**: a produção de saberes sobre os sujeitos homossexuais. Orientadora: Profª. Drª. Paula Regina Costa Ribeiro. Rio Grande: FURG, 2012. Tese de Doutorado em Educação em Ciências - Universidade Federal do Rio Grande, Instituto de Educação.

MAIO, Eliane Rose; OLIVEIRA JÚNIOR, Isaias B. de. “O cotidiano escolar e suas práticas heteronormatizadoras”. **Revista Diversidade e Educação**. Rio Grande: FURG, 2014. v.2. n.4. jul./dez. p.22-23.

MENDES, Fábio Ribeiro. **Iniciação científica para jovens pesquisadores**. Porto Alegre: Autonomia, 2013.

MINISTÉRIO da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, 1997.

POSSENTI, Sírio. **Porque (não) ensinar gramática**. Campinas: Mercado de Letras 1996.

SACCONI, Luiz Antonio. **Minidicionário Sacconi da língua portuguesa**. São Paulo: Escala Educacional, [2005].

TEORIAS de aprendizagem. **Comportamentalismo**. Disponível em: < http://www.uniriotec.br/~pimentel/disciplinas/ie2/infoeduc/aprbehaviorismoskinner.html>. Acesso em: 30 nov. 2015.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2003.

ANEXOS

ANEXO A

ELIANE ROSE MAIO E ISAIAS B. DE OLIVEIRA JÚNIOR

O COTIDIANO ESCOLAR E SUAS PRÁTICAS HETERONORMATIZADORAS

Eliane Rose Maio Doutora em Educação Escolar - UNESP/Araraquara e Professora da Universidade Estadual de Maringá, no Departamento de Teoria e Prática da Educação. **Isaias B. de Oliveira Júnior** Doutorando no Programa de Pós Graduação em Educação na Universidade Estadual Paulista

Estudos realizados sobre a homofobia nas escolas brasileiras, pela ONG Reprolatina (2011), mostram que o ambiente escolar é altamente homofóbico e necessita, sim, de políticas públicas de combate a essas formas de preconceito. Essa pesquisa realizada em 11 capitais brasileiras, ouviu 1,4 mil pessoas envolvidas com o processo educacional, identificando que, na maioria das vezes, a hostilidade contra alunos/as Lésbicas, Gays, Bissexuais, Bigênero, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queers, Questionadores/as, Aliados/as, Assexuados – LGBTQIA, surge nas mais distintas formas, as mais imperceptíveis se sucedem em forma de piadas ou brincadeiras potencialmente ofensivas, mas que nem sempre são identificadas pelos envolvidos no processo educacional como LGBTQIAfobia.

Estudo organizado pela FIPE (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas), em 500 escolas públicas brasileiras, apontam que ao serem entrevistados/as os/as alunos/as concordaram com as seguintes afirmações: "Eu não aceito homossexualidade" – 26,6%; "Pessoas homossexuais não são confiáveis" – 25,2%; "A homossexualidade é uma doença" – 23,2% e "Os alunos homossexuais não são normais" – 21,1% (GUINOZA, 2011, p.81).

Além disso, os próprios docentes

> [...] reconhecem que não aplicam muitas das recomendações estabelecidas nas políticas e planos anuais porque sentem que não estão preparados para atuar na área das diversidades sexuais e da homofobia e também porque temem que as famílias se oponham a que esses temas sejam tratados nas escolas. Também os educadores, que sabem que esses temas deveriam ser tratados como temas transversais, pela falta de tempo e por não se sentirem preparados, preferem ignorar o tema e só falar dele quando os estudantes fazem perguntas específicas sobre o tema. Um tema recorrente nas entrevistas com autoridades das escolas e educadores é que os educadores estão sobrecarregados, com falta de preparo e sem motivação para trabalhar os temas transversais (REPROLATINA, 2011, p.65).

Bello e Luzzi (2009, p.4694) afirmam que os debates sobre a diversidade sexual, quando ocorrem no espaço escolar, são "realizados muitas vezes a boca pequena, recheados de moralismos, de posições religiosas, feitos em tom de fofoca que ao não enfrentar a reflexão e necessidade de conhecimento sobre a temática, acabam por referendar a discriminação e a exclusão de inúmeros estudantes do espaço escolar".

Essas constatações nos fazem considerar a escola brasileira como um lugar de opressão, discriminação e preconceitos, no interior e em torno do qual

existe um preocupante quadro de violência a que estão submetidos milhões de jovens LGBTQIA, por meio das mais diversas formas de manifestações, principalmente no que diz respeito à vida cotidiana escolar e às pedagogias mobilizadas pela escola que raramente divulga os casos de agressão física ou verbal, evasão ou abandono escolar, associados a estudantes homossexuais. No entanto, a LGBTQIAfobia incide fortemente nas trajetórias educacionais e formativas e nas possibilidades de inserção social de milhões de jovens LGBTQIA (UNESCO, 2004).

Além desses fatores, Rocha Filho (2010) atribui ao currículo escolar a função de um dos elementos mais importantes que tem contribuído de forma decisiva para a defasagem da educação escolar, por funcionar como instrumento de poder e de discriminação, por não levar em consideração as diferenças existentes na sociedade, homogeneizando os/as alunos/as sem respeitar a diversidade.

Para Bello e Luzzi (2009, p.4695) quando a escola enfatiza no seu currículo ou na sua conduta de forma real ou oculta da heteronormatividade como a "única possibilidade de orientação sexual, acaba por incentivar práticas homofóbicas dentro do processo educacional", afastando do seu interior aqueles que sofrem as práticas excludentes. Dessa maneira,

> [...] as consequências da homofobia são muito prejudiciais para adolescentes LGBT e inclui tristeza, baixa autoestima, isolamento, violência, abandono escolar e até o suicídio. Especialmente travestis e transexuais não podem continuar na escola por ser a escola um ambiente hostil para eles/as. Também neste ponto há necessidade de investigar melhor a situação de travestis e transexuais nas escolas e os motivos do abandono escolar (REPROLATINA, 2011, p.65).

Se o processo inverso também ocorresse, se houvesse reconhecimento e aceitação da diversidade sexual, é provável que o indivíduo ou grupos de indivíduos LGBTQIA, passem a ter orgulho do que são e a não sentirem-se inferiores porque não correspondem a uma matriz heteronormativa, favorecendo, assim, a permanência e o sucesso escolar.

(RE)PENSANDO CAMINHOS

A inclusão da diversidade sexual no âmbito escolar deve ser vista como um direito e não como uma concessão. Essa prerrogativa nos aponta para a necessidade de implementação de políticas educacionais com vistas à igualdade, equidade de gênero, identidade de gênero, orientação sexual e combate a heteronormatividade, pois conforme Rego (1995) em uma sociedade letrada e complexa como a nossa, em que a escolarização desempenha um papel tão fundamental na constituição do indivíduo, o fracasso e o abandono escolar por parte desses/as alunos/as, constituem-se, nessa perspectiva, fatores de extrema gravidade, pelo impedimento de apropriação de saberes necessários para atuação e transformação de seu meio social.

Para que haja uma inclusão efetiva dos sujeitos LGBTQIA, é necessário que professores/as, adquiram o hábito da leitura e aprofundamento dos conhecimentos acerca da diversidade sexual, que lhes permitam uma discussão crítica se realmente pretendem transformações na prática social dos seus alunos/as e principalmente em sua própria atuação profissional, para que tenhamos uma sociedade mais justa e menos desigual.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam. CASTRO, Mary Garcia. SILVA, Lorena Bernadete. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.

BELLO, Melissa Colbert. LUZZI, Jacqueline. **Gênero e Diversidade Sexual na Escola**: da exclusão social à afirmação de direitos. A experiência do núcleo de gênero e diversidade sexual da Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Anais...IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUC/PR, out. 2009.

GUINOZA, Marcos. **Cartilha da Discórdia**. Revista Brasileiros. São Paulo, n. 47, pp.80-81, jun. 2011.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

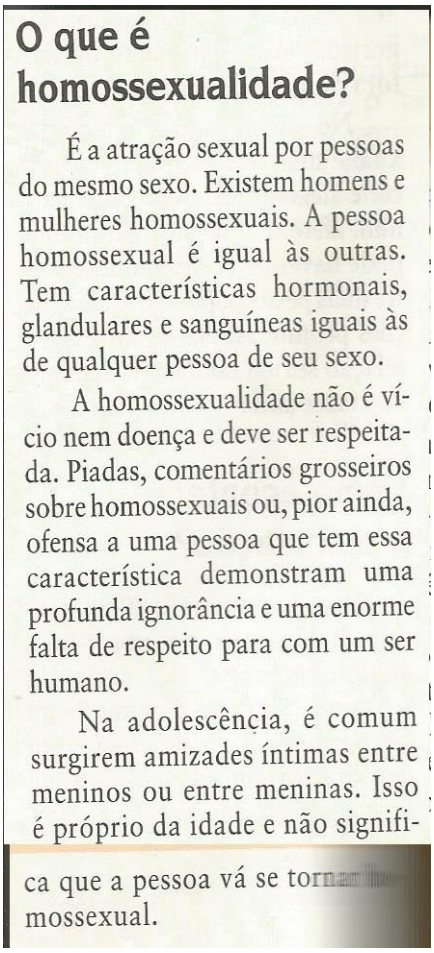
REPROLATINA. **Soluções Inovadoras em Saúde Sexual e Reprodutiva**. Estudo qualitativo sobre a homofobia no ambiente escolar em 11capitais brasileiras. São Paulo: 2011.

ROCHA FILHO, João Silva. **O currículo escolar e as relações de heterossexismo e homofobia na educação básica**. Fazendo Gênero. Diásporas, Diversidade, Deslocamentos. p.1-9, ago. 2010.

UNESCO. **O perfil dos professores brasileiros**: o que fazem, o que pensam, o que almejam. São Paulo: Moderna, 2004.

Artigo publicado na quarta edição do segundo volume da revista Diversidade e Educação, da Universidade Federal do Rio Grande. O material foi escaneado para que fosse possível sua reprodução. FONTE: Acervo do autor.

ANEXO B



O que é homossexualidade?

É a atração sexual por pessoas do mesmo sexo. Existem homens e mulheres homossexuais. A pessoa homossexual é igual às outras. Tem características hormonais, glandulares e sanguíneas iguais às de qualquer pessoa de seu sexo.

A homossexualidade não é vício nem doença e deve ser respeitada. Piadas, comentários grosseiros sobre homossexuais ou, pior ainda, ofensa a uma pessoa que tem essa característica demonstram uma profunda ignorância e uma enorme falta de respeito para com um ser humano.

Na adolescência, é comum surgirem amizades íntimas entre meninos ou entre meninas. Isso é próprio da idade e não significa que a pessoa vá se tornar homossexual.

Trecho do livro **O corpo humano** de Carlos Barros e Wilson Roberto Paulino (2002). Seção Falando de Sexo. O material foi escaneado para que fosse possível sua reprodução. FONTE: Acervo do autor.

ANEXO C

SUPERintrigante

QUANTA IGNORÂNCIA!

HOMOSSEXUALIDADE É DOENÇA?

Não. A comunidade médica é unânime ao afirmar que nenhuma orientação sexual é doença. Em 1973, a Associação Americana de Psiquiatria retirou a palavra da lista de transtornos mentais ou emocionais e a decisão foi seguida por todas as entidades de psicologia e psiquiatria no mundo.

Mas a questão voltou à tona nos últimos meses por causa de um projeto de lei – inédito no mundo – que está tramitando na Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro. O deputado estadual e pastor evangélico Édino Fonseca (PSC) propõe que verbas públicas sejam usadas no tratamento de pessoas que "voluntariamente optarem por deixar a homossexualidade". No caso de menores, os pais poderão escolher se a criança ou o adolescente deve passar pelo tratamento. Para Édino, a homossexualidade é um distúrbio psicológico. "O tratamento vai desfazer os bloqueios que levaram aquela pessoa à homossexualidade", diz.

Apesar de o Conselho Federal de Psicologia pedir que psicólogos não colaborem com serviços que propõem uma "cura" da homossexualidade, o projeto já foi aprovado por três Comissões da Assembléia (Constituição e Justiça, Saúde e Combate à Discriminação) e está causando polêmica. Alguns o acusam de ser inconstitucional. "Se garante auxílio para um homossexual que queira ser heterossexual, e não para um heterossexual que queria ser homossexual, ele é discriminatório", diz o deputado Carlos Minc (PT). Outros o acusam de ser impertinente.

"A origem da homossexualidade está em um somatório de fatores, mas ninguém sabe a causa", diz Carmita Abdo, responsável pelo Projeto de Sexualidade da USP. Se ninguém sabe a causa, como é possível um tratamento contra "bloqueios psicológicos" ser eficiente? E muita gente acusa o projeto de ser retrógrado. Afinal, soluções mágicas para combater a homossexualidade não são nenhuma novidade *(veja arco-íris abaixo)*. "Mais importante que considerar a homossexualidade um problema psicológico, passível de ser tratado, é educar a população para respeitar as individualidades. Diferenças não são escolhas, e sim tendências que fazem parte da natureza da pessoas", diz Carmita.

BÁRBARA AXT

TRATAMENTOS HISTÓRICOS

Alguns dos métodos usados ao longo da história para reverter o homossexualidade

FORCA Nas colônias protestantes dos EUA, no século 17, a sociedade era tão puritana que esse era o destino de quem cometesse "atos indecentes"

PRISÃO Na Inglaterra, em 1895, Oscar Wilde foi condenado a ficar dois anos preso por seus relacionamentos "antinaturais"

HIPNOSE No fim do século 19, tomou força a teoria de que a homossexualidade era uma doença mental, e deveria ser tratada. Em 1899, um certo Dr. John D. Quackenbos tratava com hipnose não só a homossexualidade como a ninfomania e a masturbação

CASTRAÇÃO Em 1898, o Instituto Kansas de Doenças Mentais castrou 48 meninos. Certos pacientes buscavam voluntariamente a cirurgia de extração de testículos, acreditando que isso curaria seu desejo sexual

CHOQUES Em 1937, em Atlanta, médicos prometiam que seus pacientes desistiriam do "vício" depois de dez sessões de eletrochoques

AVERSÃO Nos anos 50, na Checoslováquia, pacientes tomavam uma droga indutora de vômito e eram obrigados a ver cenas de homens nus. Depois, recebiam um injeção de testosterona e eram expostos a imagens de mulheres nuas

LOBOTOMIA O tratamento foi usado no começo do século 20, até que, em 1959, um relatório do Hospital Estadual Pilgrim, em Nova York, avaliou 100 casos e concluiu que os pacientes continuavam homossexuais

© Alexandre Carvalho

Reportagem da edição duzentos e sete da revista Superinteressante, da editora Abril. O material foi escaneado para que fosse possível sua reprodução. FONTE: Acervo de particular.